



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



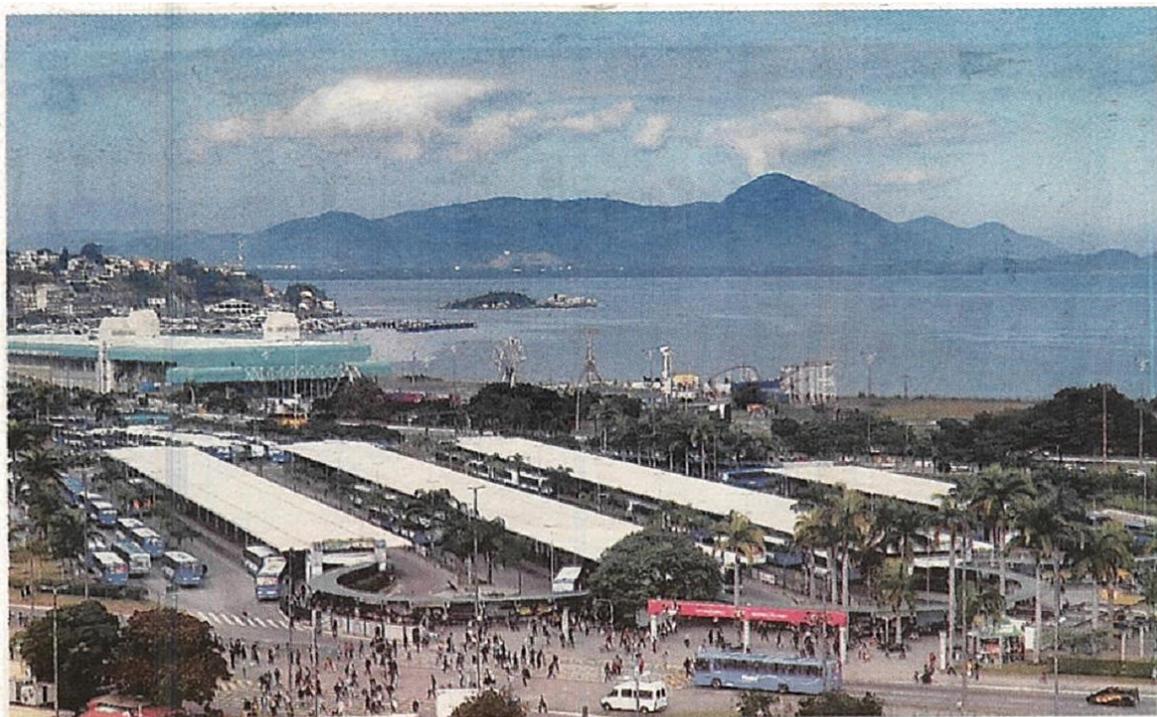
Agcom
Agência de
Comunicação
da UFSC

30 de agosto de 2016

Notícias do Dia
Carlos Damião

“Mudanças no transporte coletivo em debate”

Mudanças no transporte coletivo em debate / 2º Seminário de Integração Metropolitana do Transporte Coletivo / Observatório da Mobilidade Urbana / UFSC / Werner Kraus Júnior / Sistema de Transporte Coletivo da Região Metropolitana de Florianópolis



Mudanças no transporte coletivo em debate

Representantes de órgãos públicos, de entidades da sociedade civil, profissionais da área e autoridades participam hoje do 2º Seminário de Integração Metropolitana do Transporte Coletivo, realização do Observatório da Mobilidade Urbana UFSC, coordenado pelo professor Werner Kraus Júnior. A ideia é debater propostas preliminares e etapas de implantação do novo sistema de transporte coletivo da Região Metropolitana de Florianópolis. Corredores de BRT, complementados por faixas exclusivas de ônibus e pelo redesenho dos serviços atuais, são algumas das questões que estarão em discussão. Os participantes poderão conhecer os novos itinerários

das linhas de ônibus e as obras e ações complementares necessárias para promover melhorias urbanas em torno da infraestrutura do transporte coletivo. Também serão divulgados dados da pesquisa realizada no Ticen (foto) e no Terminal Cidade de Florianópolis, que ouviu mais de 3.000 usuários das linhas de ônibus intermunicipais. A pesquisa revela dados sobre os passageiros, seus hábitos e suas necessidades, indicando possíveis mudanças que devem ser realizadas para facilitar a integração e reduzir os problemas detectados na atualidade. O evento ocorre no auditório da Granfpolis (Associação dos Municípios da Grande Florianópolis), entre 13h30 e 17h30.

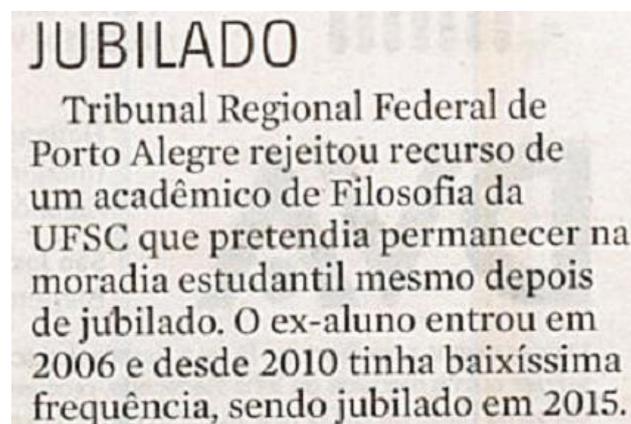
A Notícia
Moacir Pereira
"Jubilado"

Jubilado / UFSC / Tribunal Regional Federal / Acadêmico de Filosofia /
Recurso / Moradia estudantil



Diário Catarinense
Moacir Pereira
"Jubilado"

Jubilado / UFSC / Tribunal Regional Federal / Acadêmico de Filosofia /
Recurso / Moradia estudantil



Diário Catarinense Notícias

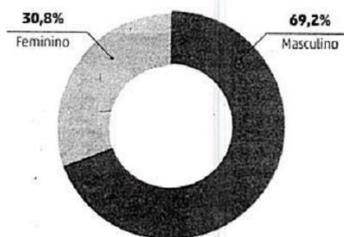
"Homem, branco e de meia-idade"

Homem, branco e de meia-idade / UFSC / Eleições 2016 / Perfil dos candidatos / Tribunal Superior Eleitoral / Políticos / Professor / Universidade Federal de Santa Catarina / Itamar Aguiar / Carlos Sell / Univali / Sérgio Saturnino Januário / Jacques Mick / Entrevista / Sistema Eleitoral

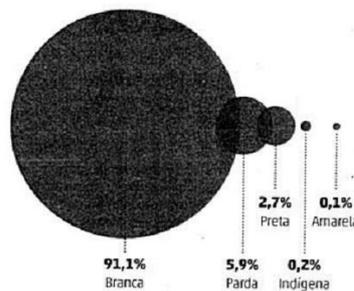
PERFIL DOS CANDIDATOS EM SC

Dados do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) ajudam a identificar as características predominantes dos políticos que disputam a eleição de 2016 no Estado

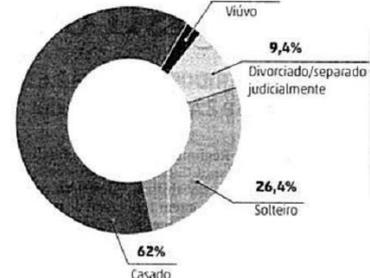
SEXO



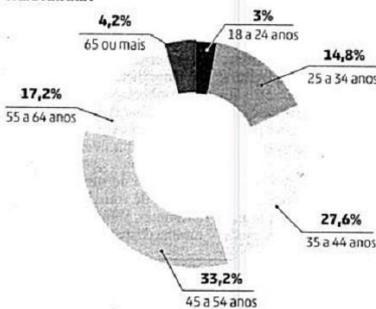
COR/ETNIA



ESTADO CIVIL



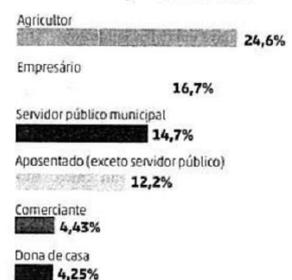
FAIXA ETÁRIA



GRAU DE INSTRUÇÃO



AS CINCO OCUPAÇÕES MAIS COMUNS



Homem, branco e de meia-idade

PERFIL DOS CANDIDATOS no Estado se alterou pouco em relação a 2012

VICTOR PEREIRA
victor.pereira@diariocatarinense.com.br

A análise de dados do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) mostra que houve pouquíssima mudança no perfil dos candidatos em Santa Catarina nesta eleição na comparação com a disputa de 2012. A maioria dos políticos que estarão nas urnas do Estado em 2 de outubro continua sendo formada por homens brancos, de meia idade e com pelo menos o ensino médio completo – a variação de quatro anos pra cá não chegou a 3% em nenhum desses itens.

As razões passam por três fatores: o sistema político defasado, a estrutura partidária e eleitoral engessada e o conservadorismo histórico das oligarquias de SC.

O conceito de "partidos de quadro" tem papel central nesse cenário. Nessa definição entram siglas criadas a partir de oligarquias e que têm uma forte influência de alguns poucos líderes – passando por eles praticamente todas as decisões

acerca de candidaturas. Na avaliação do doutor em sociologia política e professor da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) Itamar Aguiar, isso é um dos principais obstáculos à renovação.

– Tirando partidos que historicamente são de massa, de base social, como o PT, os demais seguem mais ou menos uma única estrutura partidária concentrada. Há uma elite política conservadora que impede a renovação e isso é muito claro no Estado – pondera.

MUDANÇAS NA LEGISLAÇÃO DIFICULTAM CARAS NOVAS

A própria minirreforma eleitoral dificulta o surgimento de caras novas nas disputas. A oferta de candidatos jovens até costuma ser uma estratégia das siglas para apresentarem-se como forças renovadoras, mas diante de uma campanha com poucos recursos e menos tempo de duração, a opção foi pela segurança.

Embora exista a aspiração de que os representantes eleitos sejam

o exato espelho da sociedade (ou seja, que eles reflitam as mesmas condições sociais dos eleitores), o doutor em sociologia política e professor da UFSC Carlos Sell diz que isso é uma ilusão sociológica.

– A política é uma atividade profissionalizada e elitizada que exige recursos e experiência. Não há espaço para arriscar. Nesse caso a culpa não pode ser creditada aos partidos, mas às regras do jogo, que os forçam a atuar dessa forma para serem bem-sucedidos. Essa não deverá ser uma eleição da mudança, mas da continuidade.

O sistema político ultrapassado, com escolha dos candidatos dentro dos partidos, em prévias fechadas, e o distanciamento entre eleitos e eleitores também influenciam.

– Hoje já se trabalha com a ideia de democracia participativa deliberativa, mas aqui não conseguimos implantar esse regime. No máximo há audiências públicas e participações na saúde e educação por meio dos conselhos, mas nessa forma de fazer política ainda é muito representativa – diz Itamar Aguiar.

Renovação de representantes políticos ocorre gradualmente

Se os partidos tivessem levado em conta a pesquisa inédita do Instituto Mapa, contratada pelo Grupo RBS/SC em junho, chegariam à conclusão que poucos desejos dos eleitores foram atendidos na escolha dos candidatos. Mais da metade dos pesquisados no levantamento achava imprescindível ou desejável que o político que fosse concorrer em outubro tivesse cursado ensino superior, mas a maioria tem ensino médio completo ou está cursando agora o superior.

No item experiência, a sintonia foi um pouco melhor. Quase 45% dos entrevistados preferiam candidatos de meia-idade ou mais velhos – e estas faixas etárias realmente são as que mais aparecem entre os escolhidos pelas siglas partidárias. Da mesma forma, 62% queriam pessoas que tivessem trabalhado também em empresas, fora da política – empresário é a segunda ocupação mais comum entre os candidatos, com 16,7%.

Na renovação, o cenário foi dividido e só o resultado das urnas dirá se a aposta em candidatos experientes deu certo. Isso porque a pesquisa revelou que mais da metade dos eleitores catarinenses só vota em políticos que conhece ou de quem já ouviu falar, mas que um nome novo no cenário político eleitoral pode ganhar o seu voto de confiança nas urnas.

– A mudança no perfil acontece muito vagarosamente e é percebida depois de muitos anos. Apesar de termos problemas estruturais, acredito que há mudanças de qualidade. Sobre tudo por conta da variável importante que é a intervenção da Justiça no processo eleitoral, de gestão das Câmaras e do Executivo. Isso gera mudança de comportamento e por isso ainda que o perfil seja o mesmo, as pessoas estão tendo mais cuidado com valores políticos e o passado dos candidatos – diz o mestre em sociologia política e professor da Univali Sérgio Saturnino Januário.

“Partidos atendem à sociedade como o supermercado ao consumidor”

ENTREVISTA

JACQUES MICK

Doutor em sociologia política



Doutor em sociologia política pela UFSC e um dos coordenadores do primeiro

Censo Legislativo Municipal Catarinense, estudo lançado em 2015 que traçou perfil dos vereadores do Estado na atual legislatura, o professor Jacques Mick comenta os principais destaques do perfil dos candidatos deste ano em SC.

O perfil de candidatos é praticamente o mesmo de 2012. Isso é reflexo do eleitor ou é o eleitor que se molda às alternativas políticas?

O perfil dos candidatos reflete as características do sistema eleitoral, que dificulta uma renovação autêntica dos quadros políticos. A pesquisa com os vereadores da atual legislatura em Santa Catarina feita pela UFSC e pela Escola do Legislativo, da Alesc, em 2014, cons-

tatou que 75% dos eleitos vinham de famílias de políticos, já tinham sido eleitos anteriormente ou haviam sido recrutados para cargos públicos não eletivos. É muito difícil para um cidadão comum entrar no sistema eleitoral com condições razoáveis para se eleger.

O que se pode esperar dos resultados das eleições – e consequentemente das futuras administrações municipais – com base nesse perfil de candidaturas?

É provável que as urnas reafirmem a continuidade da discrepância entre o perfil da população e o perfil dos eleitos. Na atual legislatura, a discrepância é ainda maior que no perfil dos candidatos de 2016: entre os eleitos, 86% são homens e a presença de pessoas até 30 anos nas câmaras equivale a um terço dos candidatos, para citar dois exemplos.

A maioria dos candidatos (cerca de 63%) tem, pelo menos, o ensino médio completo. À primeira vista isso é bom, mas até que ponto a escolaridade é pre-

ponderante para que os políticos façam bons mandatos?

Esse percentual é semelhante ao dos eleitos na atual legislatura com ensino médio completo, superior completo ou incompleto (70,4%). Não há relação necessária entre aumento da escolaridade e aperfeiçoamento da qualidade dos mandatos: é perfeitamente possível que políticos com menor formação tenham bom desempenho. Os argumentos em favor de mais diplomados em geral partem de perspectivas elitistas ou demofóbicas, que tentam afastar do sistema político representantes dos setores mais pobres e menos escolarizados. À parte isso, é importante notar que na última década e meia cresceu muito o acesso a ensino superior em toda a população: em Florianópolis, por exemplo, 44% dos eleitores têm formação completa ou incompleta nesse nível.

A participação feminina também é praticamente a mesma de 2012. Como avalia esse pequeno avanço, mesmo com a luta por direitos iguais

entre homens e mulheres ganhando força?

Os movimentos feministas combatem discriminações presentes numa sociedade que é ainda patriarcal, refletindo a longa duração de relações cuja origem remonta à experiência colonial. Muitos eleitores não gostam de ter mulheres em posições de poder, embora saibam que manifestar isso explicitamente documenta machismo (de forma análoga ao que ocorre com o racismo, amplamente praticado e sistematicamente negado). A sociedade brasileira, fortemente hierárquica, acostumou-se a prescrever as posições sociais esperadas de cada um. O mesmo mecanismo que operou nas histórias de inúmeros atletas olímpicos, que para progredir precisaram vencer resistências familiares (“desiste disso, vai trabalhar” ou “isso é esporte para branco”), atua sobre jovens, mulheres ou negros e negras interessados em participar de disputas eleitorais: para grande parte das pessoas, esse é um mundo para homens brancos de meia-idade, detentores de títulos como um di-

ploma, uma família de políticos, uma experiência em cargo público ou sinais de riqueza.

Candidatos entre 45 e 64 anos são maioria e servidores públicos municipais e empresários estão entre as ocupações mais comuns. Por um lado isso traz a experiência que o eleitor deseja, mas por outro dificulta a renovação. Como os partidos políticos poderiam ter equilibrado essas situações?

Quase todos os partidos são pragmáticos, não agem ideologicamente em relação ao perfil de suas candidaturas. Eles só atuariam para tentar equilibrar essa situação se a considerassem de fato importante. Como essa discrepância para eles não é um problema (ao contrário, é vista como um dado próprio ao sistema eleitoral), os partidos respondem às expectativas da sociedade como um supermercado atende ao consumidor: ofertando candidatos envelopados como produtos de marketing político. Uma democracia autêntica seria algo totalmente diferente disso.

Notícias veiculadas em meios impressos, convertidas para o formato digital, com informações e opiniões de responsabilidade dos veículos.

CLIPPING DIGITAL

[Criciúma recebe nesta terça-feira quarto painel 'SC que dá certo'](#)

[Vagas abertas para professor no campus da UFSC](#)

[Udesc Joinville promoverá evento internacional na área de educação](#)

[Eleições 2016: maioria dos candidatos em SC é homem, branco, de meia-idade e com ensino médio completo](#)

["Partidos atendem à sociedade como o supermercado ao consumidor, diz sociólogo](#)

Sul catarinense representará o Estado no Miss Brasil 2016

Colégio Positivo Joinville comemora resultados no Vestibular de inverno

Maior festival open bar de música eletrônica do Brasil será no dia 24 de setembro, em Florianópolis

Angela Amin (PP) explica razões para voltar a concorrer à Prefeitura de Florianópolis após 12 anos

Adeus, Wiecko. Fique com a ideologia totalitária